



GEOGRAFIA CULTURAL: UMA BREVE HISTÓRIA

Jhonatan da Silva Corrêa¹

36

Resumo

O presente trabalho pretende trazer uma breve história sobre a abordagem cultural na Geografia e na Geografia Cultural. Tenta-se, com isso, mostrar as variações que o conceito de cultura sofreu e suas aplicações através das escolas que constituíram e constituem a geografia cultural. Para tanto, foram feitas pesquisas epistemológicas com o intuito de compreender os processos de transformações aqui apresentado. O período explorado vai desde o final do século XIX até o final do século XX, abarcando, aí, uma breve história da Geografia Cultural.

Palavras Chave: Geografia Cultura. Epistemologia. Cultura

Introdução

¹ jhonbode@hotmail.com.br Graduando em Geografia: Universidade Federal de Alfenas - MG

A Geografia cultural passou por várias etapas até se estruturar da forma como a conhecemos. Embora a Geografia Cultural tenha ganhado uma identidade com a obra de Sauer e seus discípulos, para Corrêa e Rosendahl (2003), a dimensão cultural já estava presente na geografia do século XIX. De acordo com; Claval (2003); (2014) a Geografia Cultural teve sua origem, de forma sinuosa, no final do século XIX e início do século XX sendo na Europa a sua gênese. A partir de então, a concepção relacionada a cultura: termo que segundo Corrêa (2009); polissêmico possuidor de diversas acepções, foi se transformando ao longo do espaço tempo: possuindo diversas conotações resultantes de um momento histórico e influências metodológicas, se dando em diferentes formas de acordo com Claval (2014), na Alemanha, França e Estados Unidos, países onde o progresso da geografia cultural foi mais rápido e incipiente.

Para Claval (2002), a primeira fase da Geografia Cultural ocorre entre final do século XIX e meados do século XX, a princípio na Alemanha e França e posteriormente a partir de 1925 nos Estados Unidos. O segundo período nos anos sessenta e setenta, relacionado ao tempo onde a geografia cultural passou por reformulação na tentativa de uma formulação metodológica – Nova Geografia Cultural. A partir da década de setenta do século XX, é o período em que Paul Claval (2002) fala sobre uma mudança significativa na Geografia Cultural, onde ela deixa de ser tratada como um subdomínio da geografia, se colocando no mesmo patamar que a Geografia Econômica e Geografia Política por exemplo.

Cabe-se destacar que Geografia cultural não é só falar sobre cultura, objetivando-a. Geografia cultural busca tratar as espacialidades e o que advém dessa espacialidade como, por exemplo: o território, a territorialidade, o espaço, o lugar, a paisagem, o poder de acordo com concepção do pesquisador. Logo, de acordo com Cosgrove (2003), a apropriação simbólica do mundo formula parâmetros de vida diferenciados e paisagens distintas, onde se estabelecem história e geografias próprias. Para o autor a tarefa da Geografia Cultural é apreender e compreender essa dimensão da interação humana com a natureza e seu papel de ordenação do espaço.

No Brasil, a Geografia Cultural passa a ter difusão na última década do século XX, onde, segundo Corrêa (2009), através da constituição do NEPEC (Núcleo de Estudo e Pesquisa Sobre Espaço e Cultura), criado na UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), ajudou a consolidar os estudos do subcampo no Brasil, constituindo: periódicos, textos e edições de livros tendo como organizadores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa.

O presente trabalho, buscará discutir e entender a forma como era e é abordado a Geografia Cultural desde de sua gênese até a constituição da geografia cultural radical, mostrando suas transformações conceituais, essencialmente no que tange ao modo de entendimento da cultura, de acordo com o espaço tempo. Para que o trabalho seja realizado foi indispensável a realização de pesquisa epistemológica sobre a história da geografia cultural e suas alternâncias conceituais e metodológicas ao longo de sua história.

Os primeiros passos: a técnica o homem

A expressão Geografia Cultural foi usada pela primeira vez por Ratzel de acordo com Claval (2014), após sua experiência nos Estados Unidos, escreveu uma obra sobre questões geográficas norte americana, por conseguinte, o tomo II foi intitulado de: A Geografia Cultural dos Estados Unidos da América do Norte, constituindo, assim, o primeiro estudo com essa intitulação, houve uma forte carga econômica em sua formulação.

A Geografia Cultural tem suas origens na Europa do final do século XIX, e início do século XX juntamente com a sistematização da geografia como ciência acadêmica no debate sobre sua identidade, ou seja, sobre o que era inerente a ela como ciência. (OLIVEIRA E SILVA, 2010, p. 2)

Segundo Claval (2014), Ratzel cria uma nova forma visão/forma de geografia. Ademais, tem como alicerce grandes pensadores relacionados a história da geográfico como Humboldt e Carl Ritter, atrelados a sua formação naturalista, vê a necessidade de focar na distribuição dos homens e das civilizações. Ademais, Ratzel nomeia de antropogeografia o novo capítulo da disciplina, que busca: descrever áreas que os homens vivem e mapeá-las, procura entender as causas geográficas distributivas dos homens pelo planeta

e compreender a influência da natureza sobre a mente e o corpo do homem de acordo com Büttman (1977, *apud* Claval 2014).

Para Zanata (2008), um dos primeiros a utilizar o termo cultura na geografia alemã foi Ratzel em seu livro denominado Antropogeografia no ano de 1882. Ademais, obra que segundo Sauer (2003), alicerçou a geografia humana em seu sentido conjuntural do meio físico e abstrato relacionado a posição e espaço e suas influências sobre o homem.

Para Claval (2014), Ratzel dedica um olhar importante para aos fatos culturais, ligados ao meio de aproveitamento de uma determinada população e os relacionando as facilidades direcionadas para os deslocamentos. Logo, o modo de se observar a cultura:

[..] é analisada, sobretudo sob seus aspectos materiais com um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço. As ideias que a subtendem e a linguagem que a exprime são dificilmente evocadas. (CLAVAL, 2014, p. 30).

Ainda segundo Claval (2014), Ratzel detinha uma visão onde relacionava o Estado a um organismo, que sem, ou com a falta de espaço ficará ameaçado. Toda essa concepção está pautada em uma ótica darwinista, onde há uma constante luta pela vida. De certa forma essa preocupação do autor, o limitou em desenvolver sobre temas relacionados a cultura dando a sua obra um caráter voltado aos aspectos políticos.

De acordo com Claval (2002), já havia na geografia alemã grande interesse pela paisagem, que se desenvolvia rapidamente por volta da década de 1900. Para Claval (2014), Schlüter traz uma nova concepção para a geografia humana, onde a paisagem se torna um objeto geográfico. Tanto a natureza, como a vida e o homem modificam a paisagem. Schlüter faz conotações sobre a modificação antrópica no espaço, transformando o meio natural. Esse estudo passa a ser chamado pelos autores alemães frequentemente de *Kulturlandschaft*, que é referente a paisagem cultural ou paisagem humanizada.

Para Schlüter e a maioria dos geógrafos alemães das primeiras décadas do século XX, o objeto fundamental de pesquisa era a marca que o homem impõe à paisagem que constitui. Essa marca é estruturada: o objeto da geografia é, portanto, apreender sua

organização, descrever o que se denomina desde então a morfologia da paisagem cultural e compreender sua gênese. (CLAVAL, 2014, p. 32).

Logo, se consegue entender que a cultura é observada circunscrita a seu caráter material: sendo observada através de instrumentos utilizados por determinadas populações ou pelo aspecto apresentados pela paisagem onde se encontram determinados grupos. A geografia francesa também corrobora com essa visão.

Com La Blache e seus sucessores, obtiveram observações interessante que vieram a contribuir com a abordagem cultural na Geografia. Embora Vidal de La Blache, nunca houvera, de acordo com Claval (2002), falado em cultura, o mesmo trabalhou em sua abordagem uma forma de diferenciação de modos de vida, através do seu conceito: gênero de vida.

A noção de gênero de vida permite lançar um olhar sintético sobre as técnicas, os utensílios e as maneiras de habitar das diferentes civilizações: ela os organiza na sucessão dos trabalhos e dos dias [...] e aponta como se relacionam os hábitos dos lugares, as técnicas e as paisagens. (CLAVAL, 2014, p. 41).

Cabe ressaltar, ainda de acordo com Claval (2014), que La Blache tinha o anseio de explicar cientificamente os lugares e não uma abordagem no homem. Claval (2002) mostra que a adaptação de um grupo humano, sobre um determinado meio consolidando o gênero de vida, depende: das técnicas produtivas e suas modificações originando novos meios, técnicas de transportes e a capacidade de “intercambiar”, absorvendo e passando saberes com outros grupos ou espaços e do hábito de determinado grupo. Tanto as técnicas produtivas, de transporte e relacionada ao hábito se enquadram a uma abordagem cultural na geografia – voltando a destacar que La Blache não souo a palavra cultura. Entretanto: “a análise do gênero de vida mostra como a elaboração das paisagens reflete a organização do trabalho” (CLAVAL, 2014, p. 41).

Tanto na abordagem da Geografia Alemã como na Geografia Francesa no final do século XIX e início do século XX, De acordo com Claval (2001), não abordam a capacidade mental dos atores sociais imersos em um meio cultural, tampouco, possui a capacidade de estabelecer as relações entre as pessoas e o lugar. O cenário não é muito diferente com a abordagem cultural norte

americana, tendo como seu principal expoente Sauer e seus discípulos na Escola de Berkeley – segunda década do século vinte.

Sauer a Escola de Berkeley e sua abordagem Cultural

Como já visto, desde o século XIX, a geografia possui uma abordagem cultural. Contudo, somente nos Estados Unidos de acordo com Corrêa (2003), a geografia cultural conquistou uma identidade de abordagem com Sauer e seus discípulos. Primeiramente em Berkeley e posteriormente em outras Universidades. Segundo Claval (2014), a geografia cultural teria sido negligenciada, se não fosse a abordagem de Sauer, seus discípulos e a escola de Berkeley.

Para Speth (2011), Sauer tinha como base o historicismo, introduzindo na geografia americana um sentido temporal relacionado ao homem e o conceito de cultura, influenciando assim, o pensamento geográfico a distanciar-se da explicação determinista: dando uma maior autenticação ao homem e sua relação cultural com a natureza e as capacidades do mesmo de altera-la.

“A geografia cultural se interessa portanto pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica.” (SAUER, 2003, p. 22). Segundo Corrêa (2003), as produções da escola de Berkeley, portanto saurianas – tratavam das sociedades tradicionais com pouca ênfase nas sociedades urbano-industriais.

Os trabalhos da escola de Sauer, sobretudo, das sociedades dos etnólogos do mundo norte-americano e das grandes civilizações tradicionais. Eles se ocupam, sobretudo dos ameríndios e da América Latina, mas o Extremo Oriente, a Europa e o mundo mediterrâneo não são negligenciados. (CLAVAL, 2014, p. 39 – 40).

De acordo com Mathewson e Seeman (2008), Sauer teve influência tanto dos geógrafos Alemães como dos Franceses – influência esta que seus colegas e mentores não as tinham. As leituras de Sauer apresentaram a ele o conceito de paisagem cultural dos autores alemães e a abordagem histórico-regional da escola francesa. Com isso, Sauer incorporou o conceito de paisagem tornando-se palavra chave de sua obra.

Há em Sauer e suas filosofias um rompimento com o determinismo ambiental, muito presente na geografia dos Estados Unidos. Através de sua abordagem histórica, Sauer mostra entender dois modelos de paisagem a natural e a cultural. A paisagem natural de acordo com Mathewson e Seeman (2008), se relaciona a áreas anteriores a ação do homem. Já a paisagem cultural de acordo com Sauer (1998), é a área geográfica que contém em seu último significado, as obras do homem caracterizando assim a paisagem. O autor ainda destaca que a paisagem natural está sendo transformada pelo homem, onde, através de sua cultura há alteração no meio ou até mesmo sua destruição.

Segundo Sauer (1998) a geografia não se preocupa com energia, costumes ou cresças dos seres humanos. Mas sim com a marca que o homem deixa na paisagem. “A geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica”. (SAUER, 2003, p. 22–23). Logo, já se percebe que a abordagem cultural contida em Sauer e a escola de Berkeley, não trabalharam as questões imateriais.

[..] Sauer vê a cultura, primeiramente, como um conjunto de instrumentos e artefatos que permitem ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai além: a cultura é composta por uma associação de plantas e animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo. (CLAVAL, 2014, p. 39).

Para Ducan (1980), Sauer foi uma figura hegemônica na geografia cultural americana, os principais temas desse campo – ecologia cultural e a percepção da paisagem estiveram presente em seu trabalho. Contudo, para o autor os geógrafos através da influência de antropólogos aceitaram o conceito de cultura supra-orgânica, não sabendo ao certo o quanto esse conceito afetou os alunos de Sauer. “A cultura constitui-se assim um nível independente da realidade, externa ao indivíduo, explicável por si própria, dentro de uma visão holística” (CORRÊA, 2001, p. 25)

Para Ducan (2003), com isso, não se tem a necessidade do indivíduo e seus processos psicológicos. O supra-orgânico estabelece que os fatos culturais transcendem o indivíduo e molda as suas ações. De certa forma,

houve um incomodo dos geógrafos da escola de Berkeley, e depois de mais de vinte anos segundo Corrêa (2011), houve uma publicação de um artigo com o intuito de questionar e rebater a obra de Ducan sobre o conceito de cultura da escola de Berkeley. Entretanto, diversos outros autores destacam a influência supra-orgânica de Sauer, entre eles: Claval (2014), Corrêa (2001), Zanata (2009). De acordo com Corrêa (2001), Sauer teve influências da antropologia de Kroeber, ou seja, houve a influência do supra-orgânico. Entretanto, Sauer postumamente simplesmente definiu cultura como um “modo de vida”.

Segundo com Zanata (2009), a geografia cultural na década de quarenta tinha a paisagem como meio de entender a cultura, através da transformação do homem e também a noção de gênero de vida. De acordo com Claval (2014), a modernização acaba atingindo os lugares e com isso, uma certa uniformização dos utensílios e artefatos ocorrem, o que acabou ocasionando na inadequação da análise do gênero de vida, ficando, assim, inapropriado para o mundo urbano e industrializado. De certa forma a Geografia cultural entra em um declínio.

Para Claval (2002), do final do século XIX até meados do século XX, houve entre os geógrafos uma perspectiva positivista ou naturalista, não estudando as questões imateriais, psicológica e mental de uma determinada cultura. Portanto, a cultura durante esse ciclo foi entendida como material, tendo a técnica como o modo de análise cultural, a paisagem e o gênero de vida. As questões referentes a representatividade relacionadas ao lugar não existe nesta abordagem: não se trabalha questões ontológicas.

Sauer e a escola de Berkeley foram importantes para a história da Geografia cultural. Suas influências ajudaram a constituir a base do que é hoje a Nova Geografia Cultural.

As críticas a escola de Berkeley e a Nova Geografia Cultural

“A renovação da geografia cultural iniciada no final da década de 1970, deve-se em parte, as críticas provenientes de diversas fontes que a escola de Berkeley recebeu.” (CORRÊA, 2001, p. 24). De acordo com Claval (2001), as críticas estão ligadas ao modo de abordagem relacionado a primeira metade do

século XX: alegando que a visão do período tinha a intenção de descrever o mundo e não tentar entendê-lo; grande peso do rural devido à forte influência da paisagem e gênero de vida; forte peso referente ao pretérito; isenta de preocupações de cunhos sociais; desprovida de interesses relacionados a festas, revoluções – de fato não se preocupa com a subjetividade das pessoas relacionadas as suas vivências.

Para Claval (2001) a ciências sociais começa a não corresponder com o ensejo dos pesquisadores devido sua abordagem neopositivista, por volta dos anos sessenta do século XX. De acordo Claval (2001), a insatisfação advinha tanto dos geógrafos que tinham como corrente filosófica a fenomenologia, como os geógrafos de base crítica radical. Ambos fundando críticas diferentes, mas permeados pela mesma insatisfação. Ademais, estão de acordo que os fatos sociais não podem ser entendidos como um fato natural. Portanto, agora se percebe a constituição de uma nova epistemologia.

Segundo Claval (2002), a epistemologia das ciências humanas na década de setenta do século XX, começou a se transformar. A fenomenologia – interesse pela experiência do lugar se desenvolveu. Doravante, a base filosófica crítica marxista – traz a concepção de que o positivismo em questões sociais tende a um conservadorismo. Surge então a tendência de trabalhar a perspectiva crítica nas relações sociais.

Segundo Corrêa (2009), a renovação realizada na geografia cultural não deixará de abordar o passado, mas há de se privilegiar o presente ou um passado não muito longínquo. O que a nova abordagem tem de diferente é análise dos significados, atribuídos à espacialidade do homem. Seu foco está nos significados criados por diversos grupos: no passado, presente ou até mesmo do futuro.

A Fenomenologia e a Geografia Cultural

De acordo com Holzer (2010), a fenomenologia tem sido utilizada mais ou menos desde de a década de vinte do século XX. Contudo, somente no final dos anos 60 do século passado em um momento de muita agitação no meio

cultural acadêmico, geógrafos, especificamente, um grupo procurou através da fenomenologia romper com a base teórica que alicerçava a geografia naquele período.

A crítica à visão reducionista do homem, principalmente após 1970, favoreceu aos geógrafos humanistas a interpretação do sentimento e a compreensão das relações entre os homens e seu mundo. Essa perspectiva humanista defende a dimensão subjetiva e a experiência vivida pelo indivíduo e os grupos sociais. (ROSENDAHL, 2002, p.23).

O livro de Dardel intitulado: *L'homme et la terre – nature de la réalité géographique* (1952), onde há uma análise do homem e a terra em uma perspectiva fenomenológica, é um estudo a frente de seu tempo, no qual a base da geografia ainda era positivista. Contudo Dardel já trabalhava com uma geograficidade.

Dardel tinha como base filosófica de acordo com Claval (2003), Heidegger – autor no qual Dardel após suas leituras fez diversas reflexões. Ainda de acordo com Claval (2003) Dardel acreditava: que a tarefa da Geografia era a compreensão do sentido que os homens davam a sua vida na Terra. “O fato é que Dardel foi de algum modo uma referência que permitiu a adoção, pela geografia norte-americana, de um aporte fenomenológico; e suas ideias estão presentes nas obras dos mentores da geografia humanista.” (Holzer, 2001, p. 106).

Tuan em seu livro “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência” possui segundo Holzer (2001), influência de Dardel. A obra de Tuan, traz grandes contribuições a geografia humanista, tanto metodologicamente como teoricamente: fazendo com que a geografia humanista possua uma autonomia epistemológica referente a fenomenologia.

Contrariamente às geografias crítica e teórico-quantitativa, [...] a geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, no sentimento e na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base da inteligibilidade do mundo real. (CORRÊA, 2014, p.30).

De acordo com Corrêa (2014), o espaço na geografia humanista passa a ser o espaço vivido. Para Claval (2003) Frémont já havia falado no som, nas

cores, dos cheiros e dos ruídos. “Frémont [...] Para ele, a tarefa de uma descrição inclui a experiência do espaço vivido pelas pessoas da zona estudada.” (CLAVAL, 2003, p. 158).

O conceito de lugar é um dos conceitos mais importante na geografia humanista. “O espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado.” (TUAN, 2013, p.167). Segundo Tuan (2013), o lugar é pausa e o espaço é movimento. Logo, se percebe que o lugar na perspectiva fenomenológica ele é dotado de sentimentos e é lhe atribuído a questão do pertencimento. Quando Tuan fala que o lugar é pausa, relaciona-se a relação de vínculo do indivíduo para com o lugar. Abordando o espaço como movimento, por conseguinte, não se cria vínculos afetivos: justamente por ser fugaz.

Yi-Fu Tuan deve a suas origens chinesas os fatos de se colocar questões ignoradas por aqueles que viveram sempre na cultura ocidental. Ele se interessa pelo elo que as pessoas manifestam em sua região de origem e pelas experiências dos meios populares. [...] desde que, em 1979, Yi-Fu Tuan propõe falar simplesmente da abordagem humanista, a partida está ganha. A nova corrente aparece [...] Insistindo sobre o sentido dos lugares, sobre a importância do vivido e sobre os pesos das representações religiosas, torna-se indispensável um estudo aprofundado das realidades culturais. (CLAVAL, 2014, p. 61).

Na abordagem fenomenológica – hermenêutica as questões das geograficidades, do ser no mundo, das ontologias e simbólicas se fazem presente. Portanto, a cultura se vê liberta de um aspecto circunscrito ao material. O sujeito conforme mostra Sposito (2004) é maior que o objeto na abordagem fenomenológica. Ele irá descrever o objeto através da sua subjetividade, depois de se apropriar do mesmo.

A Geografia Radical Cultural

A abordagem crítica também é uma forma de romper com o neopositivismo. De acordo com Zanata (2008), há uma influência do materialismo histórico na abordagem cultural. Se manifesta pela compreensão da cultura, concomitantemente, a condição social dos indivíduos. Esse olhar,

assim, como, as correntes epistemológicas da geografia humana: surge em oposição a visão neopositivista.

De acordo com Cosgrove (2003) a cultura é incapaz de ter uma definição apenas pela prática. Uma geografia marxista deve reconhecer que o mundo vivido, apesar de simbolicamente construído, é material e não deve negar sua objetividade. (COSGROVE, 2003, p. 104).

Ademais, o embate entre materialismo e idealismo se fazem presente na disputa. Para Claval (2014), os intelectuais marxistas contribuíram amplamente para o declínio dos estudos culturais, pois, de certa forma houve um reducionismo: onde o econômico respondia-se tudo. Segundo Cosgrove (2003), houve abordagens como o stalinismo, onde coibiram manifestações culturais como: as religiosas e forçaram a gênese de novos valores, tudo isso atrelado ao controle do Estado. Episódios que não contribuíram para abordagem marxista no cenário cultural, muito pelo contrário: criou-se falácias sobre o pensamento crítico.

Thompson (1978, *apud* Cosgrove 2003), adverte que um dos maiores desafios do materialismo histórico é não cair em um idealismo ou materialismo apequenado, mas sim trabalhar a dialética da cultura e natureza: o que acaba inicialmente se esbarrando em obstáculos e equívocos.

Contudo, de acordo com Cosgrove (2003) a teoria de Gramsci destacava-se nos estudos sobre cultura no pós-guerra e tinha uma postura voltada para a consciência de classe. Para Gramsci na sociedade de classe a cultura é produto da experiência de classe. De acordo com Martins (2011), a estrutura metodológica de Gramsci é o materialismo histórico dialético, filosofia de análise da realidade e indicador de caminho para as questões sociopolíticas e educacional-cultural.

Segundo Cosgrove (2003), há no pensamento de Gramsci uma hegemonia cultural que se trata de uma imposição bem orquestrada pela elite, ou seja, uma classe dominante. De acordo com Martins (2011) Gramsci chama a atenção para a questão do intelectual, e seus “serviços” relacionados as classes mais abastadas, mostrando a necessidade de subversão ao fato.

A visão Gramsci, é uma das formas do marxismo de encarar a cultura. Contudo, hodiernamente, de acordo com Cosgrove e Jackson (2003), o

trabalho de Hall e seu grupo, do Centro de Estudos Culturais contemporâneos da Universidade de Birmingham, traz contribuições em variados temas como os das minorias abordando: feminismo, agressões físicas, racismo, o jovem e suas subculturas, entre outras abordagens. “Parafrazeando Stuart Hall, a cultura é o meio pelo qual as pessoas transformam o fenômeno cotidiano do mundo material num mundo de símbolos, significativos, ao qual dão sentido e atrelam valores.” (COSGROVE E JACKSON, 2003, p. 141).

Richard Peet (2001) destaca a importância do materialismo histórico na abordagem crítica, inclusive aborda de uma forma interessante mostrando que para Sauer e a escola de Berkeley a questão histórica era importante, contudo, com uma abordagem diferenciada.

Marxistas e feministas socialistas, têm interesses semelhantes ao de Sauer e de seus discípulos pelo desenvolvimento histórico por longos períodos de tempo. Contudo divergimos ao ponto de vista teórico e ao foco de interesse. Nossa atração é pela sociedade do ponto de vista sociais (classe, gênero e etnia). (PEET, 2011, p. 190).

Logo, na abordagem cultural marxista se encontra essa constante preocupação com o social, dando um olhar crítico as diversas questões sendo elas: de gênero, classe social, entre outras abordagens.

Conclusão

A Geografia Cultural passou por diversos tipos de olhares relacionado a cultura desde o final século XIX. É perceptível que já trabalhavam uma abordagem cultural na geografia, que foi se alterando até chegar onde estamos. Não existe uma abordagem superior à outra, mas sim maneiras de encarar um fato, relacionado ao seu momento.

Portanto, temos que compreender todos esses avanços epistemológicos como avanços de uma única geografia cultural conforme nos mostra Corrêa (2001), explorando a fala de Mikessel.

Trata-se de uma única geografia cultural, que ao longo de sua trajetória originada na Europa, especialmente na Alemanha e França, apresenta continuidades e mudanças e pluralidades de abordagens, assim como crescente enriquecimento temático, ou, nos termos de

Mikessel “novos problemas não resolvidos a tarefa persiste. (CORRÊA, 2001, p. 28).

Portanto, o comum é que novas abordagens apareçam para suprir novas demandas. Esse é o caminho, se a cultura não tem fronteiras e se transforma constantemente, por que a Geografia Cultural teria que se permanecer a mesma?

Referencial Bibliográfico

- CLAVAL, P. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento d Abordagem Cultural na Geografia/ Paul Claval. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Rogério Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____, **A Geografia Cultural/** Paul Claval. Tradução: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. – 4. ed. rev. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- _____, **A Volta do Cultural na Geografia/** Paul Claval. Mercator – Revista de Geografia da UF, ano 01, número 01, 2002.
- _____, O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana/ Paul Claval. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, L, R. (org). **Matrizes da Geografia Cultural/** Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- CORRÊA, L, R. ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda/ Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Rogério Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CORRÊA, L, R. Carl Sauer e a Escola de Berkeley/ Roberto Lobato Corrêa. In: CORRÊA, L, R. ROSENDAHL, Z (org). **Matrizes da Geografia Cultural/** Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: edUERJ, 2001.
- _____. Espaço, um Conceito-Chave da Geografia/ Roberto Lobato Corrêa. In: CASTRO, E, I. Gomes, C, C, P. Corrêa, L, R (org). **Geografia:**

- Conceitos e Temas/** Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. – 16ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- _____. **Sobre a Geografia Cultural/** Roberto Lobato Corrêa. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009.
- COSGROVE, E, D. Em Direção Uma Geografia Cultural Radical: Problema da Teoria/ Denis E. Cosgrove. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org).
- Introdução à Geografia Cultural/** Rogério Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COOSGROVE, E, D. JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. Denis E. Cosgrove e Peter Jackson. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org).
- Introdução à Geografia Cultural/** Rogério Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DUCAN, S. J. O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana/ James S. Ducan. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Rogério Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- HOLZER, W. O. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel./ Werther Dardel. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, L, R. (org). **Matrizes da Geografia Cultural/** Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- _____. Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia/ Werther Holzer. In: ROSENDAHL, Z. CORRÊA, L, R. **Temas e Caminhos da Geografia Cultural.** Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010
- MATHEWSON, K. SEEMAN, J. **A Geografia Histórico-Cultural da Escola de Berkeley/** Kent Mathewson e Jorn Seeman. Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 24, nº 39: 71-85, jan/jun de 2008.
- MARTINS, F, M. Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política. Pro-posições Campinas, v.22, n.3 (66), p. 131-148, set./dez. 2011.
- OLIVIA, L, C, S. SILVA, S, G. **A Importância da Abordagem Cultural na Geografia: uma perspectiva de aplicação/** Sorays Castro de Lima Oliveira e Gustavo Siqueira da Silva. III encontro de Geografia A geografia e Suas

- Vertentes: Reflexões e VI Semana de Ciências Humanas – 16 a 19 de Novembro, Instituto Federal Fluminense – Campo dos Goytacazes – RJ
- PEET, R. Relações Sociais: a dimensão ausente na teorização de Carl Sauer/ Richard Peet. In: CORRÊA, L, R. ROSENDAHL, Z (org). Sobre Carl Sauer/ Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- ROSENDAHL, Z. As Razões da Relativa Negligência/ Zeny Rosendahl. In: ROSENDAHL, Z (org). Espaço e Religião: **Uma Abordagem Geográfica**/ Zeny Rosendahl. 2º ed – Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.
- SAUER, O, C. A Morfologia da Paisagem. Carl O. Sauer. In: CORRÊA, R, L e ROSENDAHL, Z (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- _____. Geografia Cultural/ Carl O. Sauer. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural**/ Rogério Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SPEETH, W, W. Historicismo: a visão disciplinaria de mundo de Carl Sauer/ Wuliam W. Speth. In: CORRÊA, L, R e ROSENDAHL, Z (org). **Sobre Carl Sauer**/ Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio e Janeiro: EdUERJ, 2011.
- SPOSITO, S, E. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**/ Eliseu Savério Sposito. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**/ Yi-Fu Tuan; tradução: Lívia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2013.
- ZANATA, A, B. **A Abordagem Cultural na Geografia**/ Beatriz Aparecida Zanata. Transpori(ação) (UEG), v.1, p.249-262, 2008.